



Secundidade e índice na obra de Edgar Allan Poe¹

Gabriela Alencar SOUSA²

Gabriela Frota REINALDO³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente trabalho concentra-se no conto “O Gato Preto” extraído do volume “Histórias Extraordinárias” do contista, poeta e crítico literário Edgar Allan Poe. No conto, são analisados elementos que podem ser inseridos na categoria fenomênica de secundidade e/ou classificados como indiciais. O artigo se organiza com uma explanação sobre as categorias peircenas – mais especificamente a de secundidade –, sobre os signos da segunda tricotomia e na análise do conto.

Palavras-chave

Semiótica; Índice; Secundidade; Edgar Allan Poe

1. O conto

Na obra de Edgar Allan Poe (1809-1849), autor considerado um dos grandes nomes da literatura fantástica, os mistérios da mente e o sobrenatural são um tema recorrente. Mônica Bernardo Schettin Marques classifica-o como precursor da narrativa policial – “gênero literário absolutamente atento aos sinais da vida urbana, como atentos são os detetives que protagonizam essas histórias” (MARQUES, 2005) –, tendo influenciado com a obra “Os Crimes da Rua Morgue” autores como Arthur Conan Doyle, criador do mais famoso detetive da ficção, Sherlock Holmes.

Para além das narrativas policiais, os personagens de Poe se deparam constantemente com o desafio de saber o que é real e o que não é. Destacam-se na obra do autor títulos como “O Corvo”, “Annabel Lee” e o volume “Histórias Extraordinárias”, onde aparecem os contos mais conhecidos dele, como “O Gato Preto”.

Nesse conto, o protagonista narra, em primeira pessoa, acontecimentos de sua vida, que costumam a ele próprio ser tomados como verdadeiros, como reais. “Meus

¹ Trabalho apresentado no DT08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação
² Estudante do 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: gabrielaalencar.s@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.
Professora do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará. E-mail: gabriela.reinaldo@gmail.com



próprios sentidos rejeitam. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando”, ressalta num trecho. (POE, 2008, p.69)

No conto em análise, de homem gentil, aos poucos o personagem começa a ter atitudes violentas, que determinam o modo como a história se desenrola. Afeito a animais domésticos desde a infância, tinha pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato. O personagem nutria por eles uma ternura que se transforma em repulsa com o passar do tempo.

O vício do álcool desempenha importante papel nessa mudança de temperamento. Para o personagem, a bebida era um mal que ia se apoderando dele e, em decorrência disso, sua personalidade gentil vai se tornado áspera. Ouçamos o que diz o autor: “Tornava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência.” (POE, 2008, p.70)

Num ímpeto de fúria, mata enforcado um de seus animais: Pluto, o gato preto, do qual, em outro momento de raiva, o personagem já havia arrancado um dos olhos. Após o assassinio e movido talvez por remorso – ele não consegue explicar com precisão o que sente: “Experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível.” (POE, 2008, p.71) – começa a procurar por um gato semelhante a Pluto nos lugares que frequenta.

Em uma noite num bar, encontra um gato muito parecido. Como Pluto, o animal era preto e não tinha um dos olhos. A falta de um dos olhos, contudo, não é notada de imediato. Além disso, o gato achado no bar possuía uma macha esbranquiçada em volta do pescoço que, mais tarde, o personagem interpreta como sendo a figura de uma forca.

Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme — tão grande quanto Pluto — e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha um único pêlo branco em todo o corpo — e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito. (POE, 2008, p.74)

Depois de conviver algum tempo com o novo bicho de estimação e de sua esposa já ter se afeiçoado ao animal, em novo acesso de raiva, após tropeçar no gato, o homem tenta matá-lo com uma machadinha. Impedido pela esposa, direciona seu ódio a ela, assassinando-a friamente com um golpe na cabeça.

Até este momento, o personagem não tentava ocultar seus atos. Ele não se preocupou, por exemplo, em esconder o corpo de Pluto quando o assassinou, mas este crime o preocupa, levando-o a tentar afastar as pistas que pudessem apontá-lo como assassino da esposa. Ao que parece, não por vergonha ou remorso do ato, mas porque a sociedade o puniria por isso.

2. As categorias fenomênicas da semiótica - conceitos

A semiótica é a ciência que estuda os signos e os processos por meio dos quais é possível se chegar a uma significação. Signo, por sua vez, é algo que substitui algum objeto. A palavra que substitui o objeto quando queremos nos referir a ele, por exemplo. A semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce trata os signos não como uma classe de fenômenos ao lado de objetos não semióticos, mas encara o mundo inteiro como um espaço permeado de signos (Pansemiose). Para o autor, as cognições, as ideias e inclusive o homem são essencialmente entidades semióticas e todos os processos percebidos são também semióticos.

Segundo Winfried Nöth (1995), a fenomenologia peirciana se baseia em três categorias universais: a primeiridade, secundidade e terceiridade. É importante lembrar que tais categorias não são independentes e isoladas entre si. Uma pressupõe a outra e, não necessariamente, elas se excluem ou ocorrem em separado.

A primeiridade é a percepção imediata sem nenhuma referencialidade, livre. Nessa categoria não há passado nem futuro, há somente o presente. Essa fase não se repete. Trata-se do sentimento imediato, da experiência primeira sobre a qual não é possível refletir ou mesmo relacionar a outros fenômenos. Já na secundidade, ocorre uma corporificação material. O fenômeno primeiro é relacionado a um segundo e não mais está aberto a qualquer interpretação, são buscados referenciais para a compreensão do fenômeno. Na terceiridade, se dá a interpretação, a cognição, a semiose. Nesta categoria, o processo cognitivo se completa e o fenômeno é, então, compreendido. A base do signo, para Peirce, é essa relação triádica. (NÖTH, 1995)

Tendo em vista a análise do objeto – o conto “O gato preto” – dentre as três categorias, o presente trabalho concentra-se na definição da secundidade peirciana e do índice. Também são definidos os conceitos de ícone e de símbolo.

2.1 Secundidade



A secundidade é a categoria da comparação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço. Nela, reside a ideia de alteridade, de *alter*, de outro, de negação, de reação à nossa vontade. Lucia Santaella explica que essa categoria é a arena da existência cotidiana.

Estamos continuamente esbarrando em fatos que nos são externos, tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao mero sabor de nossas fantasias (...) Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos... Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material. (SANTAELLA, 1990, p.10)

Peirce exemplifica a ideia de confronto na secundidade com a experiência de forçar o ombro contra uma porta na tentativa de abri-la. Há um sentimento de resistência e, ao mesmo tempo, um sentido de esforço. Não pode haver resistência sem esforço e não há esforço sem resistência. A experiência de que isto não é aquilo é que define o objeto, ao qual nunca temos acesso completamente, segundo Peirce. (PEIRCE, CP, 1.324 apud NÖTH, 1995, p.7)

Com relação ao fato de o signo não definir o objeto totalmente, Santaella explica que o signo só pode representar o objeto até certo ponto e em certos aspectos, que são tomados do todo que é o objeto:

(...) A palavra casa, a pintura de uma casa, o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, o esboço de uma casa, um filme de uma casa, a planta baixa de uma casa, a maquete de uma casa, ou mesmo o seu olhar para uma casa, são todos signos do objeto casa. Não são a própria casa, nem a ideia geral que temos de casa. Substituem-na, apenas, cada um deles de um certo modo que depende da natureza do próprio signo. (SANTAELLA, 1990, p.12)

A ideia de negação, presente nesta categoria, pode ser exemplificada através do fato de que só percebemos a luz porque há algo que se opõe a ela: a escuridão. Percebemos X porque há Y para negar e se opor a X. Quando se chega à secundidade, algo reage contra um primeiro e a liberdade inicial da primeiridade, o momento em que o fenômeno está aberto a qualquer interpretação já passou.

2.2 A predominância da secundidade



É interessante perceber como o personagem fala sobre a sequência de fatos que vivenciou como algo que não consegue compreender totalmente. Descreve os acontecimentos, mas duvida de si próprio, afirma que suas explicações satisfazem a razão, mas não a sua consciência “de maneira completa”. Dentre as três faculdades da fenomenologia elencadas por Peirce – ver, atentar para e generalizar – o narrador-personagem parece não conseguir generalizar.

O Conto “O Gato Preto” não é o único em que Poe deixa o leitor com dúvidas sobre a veracidade do que é narrado. Em “O Retrato Oval” e “Berenice” aparece também um personagem confuso, que não distingue muito bem o que é ou não é real. Em “Berenice”, por exemplo, Egeu diz ter intervalos de lucidez, mas afirma que na maior parte do tempo vivia uma espécie de “desordem mental” a que chamava de “monomania”. Já em “O Retrato Oval”, o narrador fala do delírio que lhe produzia a alta febre, e pergunta-se se seus olhos não o enganam.

Diferentemente dos índices presentes nos romances policiais, os das narrativas de Poe, não podem ser definidos facilmente, a dúvida quase sempre predomina. Os fatos extraordinários e macabros com que alguns de seus personagens se deparam, impressionam e assustam. Os personagens não omitem que estavam embriagados ou sonolentos ao relatar o que viveram – ou pelo menos acreditam ter vivido.

Dessa forma, com relação ao conto em análise, podemos nos questionar sobre vários momentos: O gato gigantesco gravado em baixo-relevo na parede da casa do protagonista após o incêndio estava mesmo lá? A mancha de uma força no pescoço do segundo gato preto que adota realmente parecia com uma força? O grito que o denuncia ao final do conto foi mesmo dado?

Não há testemunho algum além daquele trazido pelo próprio narrador. Diante disso, torna-se difícil ter a certeza de que as histórias trazem acontecimentos verdadeiros ou se são apenas fruto da imaginação. Mas, nem por isso, o que é narrado deixa de ser um fenômeno de fato. Acerca disso, Santaella explica:

A fenomenologia peirceana começa, pois, no aberto, sem qualquer julgamento de qualquer espécie: a partir da experiência ela mesma, livre dos pressupostos que, de antemão, dividiriam os fenômenos em falsos ou verdadeiros, reais ou ilusórios, certos ou errados. Ao contrário, fenômeno é tudo aquilo que aparece à mente, corresponda a algo real ou não. (SANTAELLA, 1990, p.7)

Ainda com relação ao conto, o próprio personagem não tem certeza se os fenômenos que narra só ocorreram na sua mente. Seus sentidos rejeitam os



acontecimentos. Ele diz ter certeza de não ter sonhado e afirma sua lucidez, mas não chega, contudo, a uma explicação lógica, não chega a um interpretante a partir dos fatos vivenciados. Afirma:

Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais. (POE, 2008, p.69)

O narrador não aceita o que ocorreu como uma sequência banal de causas e efeitos, precisa de alguém que reduza seu “fantasma a algo comum”, isto é, falta-lhe a faculdade de generalização, falta-lhe chegar efetivamente a um interpretante. Por isso, pode-se dizer que, predominantemente, o pensamento dele não chega à terceiridade já que não consegue encontrar explicação sobre o que lhe aconteceu, não consegue, efetivamente, completar o processo de semiose. Além disso, o fato de declarar seu vício no álcool contribui ainda mais para que o leitor fique em dúvida acerca da veracidade do que é narrado.

3. Signos da segunda tricotomia peirciana

Em seus estudos, Peirce elencou uma rede de 10 classificações triádicas, ou seja, 10 tricotomias. A combinação delas resultou em 64 classes de signos e a possibilidade lógica de 59.049 tipos de signos. Dentre elas, concentrou-se em três. Tomando-se a relação do signo consigo mesmo (1º), a relação do signo com seu objeto dinâmico (2º) e a relação do signo com seu interpretante (3º):

⁴ Signo 1º em si mesmo	Signo 2º com seu objeto	Signo 3º com seu interpretante
1º quali-signo	Ícone	Rema
2º sin-signo	Índice	Dicente
3º legi-signo	Símbolo	Argumento

No conto em análise, pode ser observada a presença de ícones, símbolos e índices. Sendo mais nítidos os elementos indiciais. Abaixo, são apresentados momentos da narrativa onde se notam os três tipos de signos da segunda tricotomia.

3.1 Índice

⁴ Extraído da publicação “O que é Semiótica” de Lucia Santaella.



O índice é um sin-signo, ou seja, qualquer coisa que se apresenta com uma existência singular, individual, material. Santaella explica que algo singular funciona como índice porque indica o universo, o meio do qual faz parte. Logo, todo existente é um índice, pois apresenta uma conexão com o todo em que está inserido.

Tudo que existe, portanto, é índice ou pode funcionar como índice. Basta, para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado. (...) O índice, como seu próprio nome diz, é um signo que, como tal, funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está atualmente ligado. (...) Há, entre ambos, uma conexão de fato. Assim, o girassol é um índice, isto é, aponta para o lugar do sol no céu, porque se movimenta, gira na direção do sol. A posição do sol no céu, por seu turno, indica a hora do dia. (SANTAELLA, 1990, p.14)

O índice indica o objeto que, no processo de semiose, só pode ser indicado, deixando que o intérprete o descubra. O índice é uma pista do objeto. Como um mapa que aponta a direção para determinado lugar ou o som de gotas no telhado que remete à chuva. Na medida em que é estabelecida uma relação dual entre *representamen* ou signo e objeto, o índice participa da categoria fenomênica de secundidade, na qual a cognição do signo não está completa e a referenciação do objeto está se processando. No conto “O gato preto”, o personagem principal é despertado pelo grito de “fogo!”, o chamado é índice de um incêndio que ocorria na casa dele. O índice não é ainda o objeto, mas através dele é possível se chegar a ao objeto, por meio de uma ligação que é, sobretudo, física. Como afirma Peirce:

O índice está fisicamente conectado com seu objeto; formam, ambos, um par orgânico.(...) Dirigem a atenção para seus objetos através de uma compulsão cega (...) Psicologicamente, a ação dos índices depende de uma associação por contiguidade e não por uma associação por semelhança ou por operações intelectuais. (PEIRCE, CP, 2.299-2.306, apud, NÖTH, 1995, p.83)

Essa ligação física, no conto em análise, é percebida quando o personagem relaciona a ausência do olho do gato à sensação de dor que o animal poderia estar sentindo. “A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor.”

Ainda com relação ao incêndio na casa do personagem, em dado momento, ele nota a figura disforme do que seria um gato e uma forca. Essa percepção assombra-o, pois, para ele, aquela imagem era um índice de seu crime. Ele conclui, elaborando uma

cadeia lógica de pensamento, que a imagem seria realmente o corpo do animal enforcado, mas que não significava que seu ato havia sido descoberto.

Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal. Logo que vi tal aparição – pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa –, o assombro e terror que se me apoderaram foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. (...) Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. (...) A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via. (POE, 2008, p.73)

Investigadores policiais fazem uso constante de índices. Esses profissionais se baseiam nas pistas deixadas pelo autor do crime (impressões digitais, pegadas, fios de cabelo, móveis fora de lugar), signos que possuem uma relação existencial com o objeto, no caso citado o autor do crime. No conto, sabedor da relação entre índice e objeto, o assassino busca camuflar ou eliminar todos os índices que poderiam incriminá-lo.

(...) procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. (...) Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. (...) tive uma idéia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas. (...) Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita. (POE, 2008, p.76-77)

Após ocultar o corpo da mulher assassinada, o personagem constata que “a parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada.” Preocupa-se em limpar o chão “com o maior cuidado” para tentar esconder qualquer pista que levasse os investigadores a ele.

No final do conto, a relação entre objeto e índice fica evidente no fato de que o próprio assassino revela-se à polícia num ato de distração. Por mais que tentasse dissimular sua participação no crime, tentando agir com naturalidade diante dos policiais, o assassino era o próprio objeto, logo suas atitudes, ações e falas acabaram levando os investigadores à constatação de que ele havia assassinado sua mulher.

O índice mais terrível para o personagem é aquele que o denuncia: o grito do gato preto que empareda junto ao corpo da esposa morta. A primeira impressão que tem é de que o som se assemelha a um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança. Depois, descreve-o como um grito prolongado, estridente, contínuo, que seria completamente anormal e inumano. O narrador o descreve como a voz reveladora que o entrega ao carrasco.

3.2 Ícone

Não é um signo genuíno, pois mantém o intérprete na categoria da primeiridade. Pode ser classificado como quali-signo, pois possui apenas a qualidade visual. Como afirma Santaella, não resiste, porque não é matéria.

Ora, se não representam, não podem funcionar como signo. Daí que o ícone seja sempre um quase-signo: algo que se dá à contemplação. Uma pintura, chamada abstrata, por exemplo, desconsiderando o fato de que é um quadro que está lá, o que já faria dela um existente singular e não uma pura qualidade, mas considerando-a apenas no seu caráter qualitativo (cores, luminosidade, volumes, textura, formas...) só pode ser um ícone. E isto porque esse conjunto de qualidades inseparáveis, que lá se apresenta *in totum*, não representa, de fato, nenhuma outra coisa. (SANTAELLA, 1990, p.13-14)

Quando observamos nuvens, por exemplo, e tentamos dizer com o que elas se parecem, uma vez que não representam nada em absoluto, estamos num exercício de contemplação. As nuvens se apresentam apenas em sua qualidade visual, mas, na medida em que não representam nada exatamente, não são um signo completo, são quase-signos, como define Santaella. Peirce explica que:

Ao contemplarmos uma pintura, há um momento em que perdemos a consciência do fato de que ela não é a coisa. A distinção do real e da cópia desaparece e por alguns momentos é puro sonho; não é qualquer existência particular e ainda não é existência geral. Nesse momento estamos contemplando um ícone. (PEIRCE, CP 3.362, *apud*, NÓTH, 1995, p.79)

Ao adotar o segundo gato no conto, o personagem percebe uma mancha em volta do pescoço do felino. Naquele momento, a mancha não representava nada, era algo indescritível, uma mancha apenas. Mais a frente, o personagem diz que ela se parece com uma forca. O que aqui se apresenta é uma possibilidade, efetivamente a mancha não representa o objeto forca, é tida como tal pela interpretação do personagem, que é subjetiva. Como mostra o trecho a seguir, a impressão podia não passar de

fantasia. “(...) o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar”.

3.3 Símbolo

A relação do signo com o objeto depende de uma convenção, trata-se de um legi-signo, isto é, um signo fundamentado em leis, baseado no contexto social e não individual. Segundo Peirce, o símbolo participa da categoria da terceiridade. Ele explica que “todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos” (PEIRCE, CP, 2.292 apud NÖTH, 1995, p.83).

No conto “O gato preto”, uma mancha no corpo do animal é descrita pelo personagem como algo que lembra uma força. A força é um símbolo, pois possui características construídas socialmente. “Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da força! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!” (POE, 2008, p.75). As associações enumeradas pelo personagem são provavelmente as mesmas para a maioria das pessoas. Para ele, porém, além de tudo isso, a força é um símbolo indicial pois evocava o crime que havia cometido contra Pluto.

Em outro momento, o personagem principal cita a superstição da esposa para com o gato. “(...) fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas” (POE, 2008, p. 70). Ramos e Lopes discorrem sobre como o gatos pretos costumam ser considerados índicios de mau agouro.

A cultura popular tem atribuído a esse animal uma significação ligada ao ocultismo e ao mistério. O gato, ao longo de vários séculos, sempre foi objeto de mitos e superstições, atribuindo-se a ele características obscuras como o fato de ser o condutor da alma dos mortos, devido à sua espantosa capacidade de sobrevivência e à sua suposta personalidade vingativa. Poe não poderia ter sido mais cuidadoso na escolha de um ícone para representar as forças que a cultura exercia sobre o homem de sua época. (RAMOS; LOPES, 2012)

Partindo desse pressuposto, o próprio título do conto já adverte o leitor de que o texto tratará de morte, mistério, azar, sobrenatural e aspectos obscuros da existência humana. O título é índice e símbolo ao mesmo tempo. Evidentemente, essas são interpretações possíveis ao leitor que está imerso na cultura popular a que se referem Ramos e Lopes. Alguém que não teve contato com a superstição associada ao animal provavelmente não terá expectativa nenhuma baseada apenas no título.



4. Considerações Finais

Analisando o conto “O gato preto”, pôde-se perceber a presença das categorias fenomênicas e dos signos da segunda tricotomia peirciana. Com base no estudo aqui feito, pode-se afirmar que a interpretação do conto não é uma apenas. Cada leitor irá fazê-la de maneiras diferentes, de formas singulares. Poe nos lança num universo onde o sobrenatural e o sonho guiam a imaginação. O conto surpreende o leitor, ao mesmo tempo em que o deixa com dúvidas e não certezas. Como o próprio personagem, os leitores também duvidam das impressões relatadas.

Pontando, a intenção deste trabalho não é dar explicações finais e identificações unânimas para os elementos do texto, mas apenas ensaiar uma decifração de que a secundidade é a categoria fenomenológica mais evidente. O personagem atenta para o fato, reflete, questiona-se sobre ele e tenta narrá-lo sem omitir nenhum detalhe. Tudo isso em busca de um sentido, de uma explicação que possa ser considerada racional. Todavia, não é capaz disso e, devido ao seu estado ébrio em vários momentos, faz com que os leitores percam a fé nos relatos dele e, por isso, também não cheguem a uma explicação racional. Essa conclusão, porém, tal qual o processo de semiótica nem é total, nem final.

Logo, ainda que se consiga uma interpretação “lógica”, como o narrador acredita ser possível que terceiros o façam no futuro, dificilmente ela será definitiva, pois o processo de semiótica ocorre *ad infinitum*, ou seja, conceitos, significados, opiniões, certezas estão sempre se metamorfoseando em outros conceitos, outros significados, outras opiniões e outras certezas.

5. Referências bibliográficas

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noétos: Arquitetura Metafísica de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Perspectiva/Holon, 1992 (Coleção Estudos; v. 130).

MARQUES, Mônica Bernardo Schettin. **Semiótica e Contexto**. Disponível em: <https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment?ui=2&ik=09c028c7b7&view=att&th=133142a5ce2c4ed6&attid=0.1&disp=inline&realattid=f_gvtvtrlr10&safe=1&zw&saduie=AG9B_P_ZrFR10AthbWw7832uRJpt&sadet=1318894276346&sads=QJ6MCyy-j1vhg9VEx642GRtKd6E&sadssc=1>. Acesso em: 17 out. 2011.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: De Platão a Peirce**, São Paulo: Annablume, 1995.

QUEIROZ, João. **Classificações de signos de C.S.Peirce – De ‘on the logic of science’ ao ‘syllabus of certain topics of logic’**. Disponível em:



<http://www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a12v30n2.pdf> Acesso em 23/10/11.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias. Seleção e Apresentação de José Paulo Paes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RAMOS, Karin Adriane Henschel Pobbe; LOPES, Rodrigo Viera. **O percurso do sentido no conto “o gato preto”, de Edgar Allan Poe.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Karin_Percurso.pdf>. Acesso em: 01 maio 2012.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica.** Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1983.